

"EU CHORAVA POR ELES"

Elie Wiesel

Folha de S.Paulo, 2 de outubro, 2001

Eu me lembro de minhas primeiras reações: espanto e incredulidade. Fiquei sem voz. Meu cérebro ficou vazio. Eu não tinha palavras. Grudado à televisão, hipnotizado, eu olhava as imagens, freqüentemente as mesmas, sem compreender o que via.

As torres desabando, as nuvens de fumaça erguendo-se sobre a cidade mais orgulhosa, repentinamente transformada na mais triste do mundo. Como num pesadelo, eu ouvia as vozes que descreviam o indescritível, o inconcebível. Os gritos dos feridos, as lágrimas de seus entes queridos. A bravura dos bombeiros, a coragem dos policiais. A queda dos edifícios, o ataque ao Pentágono.

Desocupação da Casa Branca? As ameaças que pesavam sobre a capital, e, talvez, sobre o país? Uma tragédia de Jó em nível nacional? O estupor se tornava opaco. "Não, não, não é possível", eu dizia a mim mesmo. Nenhum terrorista pode causar tanto estrago, em tantos lugares, ao mesmo tempo -ninguém pode golpear impunemente a potência americana com tanta violência e êxito.

Alguns amigos se apressaram a nos telefonar da Europa, de Israel. Impossível. Durante horas, pelo menos -até a noite. As comunicações sobrecarregadas, cortadas. Nada funcionava. Bloqueio total. De repente os habitantes de Manhattan se deram conta de que vivem numa ilha. Uma espécie de grande gueto?

Foi o que um jornalista me sugeriu, mais tarde, com sua pergunta: "Essa tragédia não o lembra alguma coisa?". Compreendi o que ele queria dizer: referia-se às imagens do gueto de Varsóvia em chamas, das meninas que preferiam atirar-se pelas janelas a morrer queimadas. Auschwitz, Treblinka. Eu o interrompi: "Nada de comparações, por favor, não agora -elas são fáceis demais". Na verdade, eu não tinha vontade de comentar o que acontecera, não tinha vontade de falar sobre isso.

Como todo o mundo, eu estava dominado pela ira. Eu aplaudia os discursos do presidente Bush: ele dizia o que era preciso dizer para motivar a nação e também para reconfortá-la. Eu compartilhava a indignação do prefeito Rudy Giuliani. E, como todo o mundo, vasculhava os rostos dos mortos e desaparecidos, contemplava os dos órfãos que sofriam tanto que não conseguiam chorar.

Eu chorava por eles.

Com o lento passar dos dias e das noites, a dor foi se atenuando, mas não desapareceu. Ela continua aqui, escondida. Está ligada a um pesado sentimento de impotência, de incompreensão.

Eis o que não consigo compreender: como esse acontecimento, ou, melhor dizendo, essa série de acontecimentos, pôde se produzir em nosso país? Quatro sequestros de aviões comerciais em uma hora, não é demais? E com meios tão parcos... Os terroristas não precisaram de bombas, de metralhadoras ou mesmo de revólveres. Bastaram alguns canivetes de plástico, alguns abridores de caixas. É claro que os 19 matadores tinham preparado bem seus assassinatos, abusando das benesses da democracia americana e de suas liberdades.

Seja como for, eles viveram por muito tempo entre nós -como se explica que não tenham absorvido nada de nosso caráter nacional, nossa sede de liberdade, nosso respeito pelo outro?

De fato, esses terroristas não conheciam o povo americano. Sua mentalidade lhes era estrangeira. Não imaginavam que ele responderia com um tão grande movimento de solidariedade. Sim, como repetiam nossos dirigentes por toda parte -foram os mais belos momentos da América.

Alguns comentaristas foram ainda mais longe -longe demais, quem sabe?-, ao dizer que a reação do povo americano foi o bem que resultou de tanto mal. Não estou certo de estar de acordo com essa formulação. Não estou disposto a conceder aos assassinos algo que poderia ser interpretado como um mérito deles. Os terroristas nos feriram, nos ofenderam e horrorizaram, ao matar quase 7.000 homens e mulheres de todos os níveis sociais, de todas as religiões, todas as etnias. Só isso. Em outras palavras: nada de positivo aconteceu por causa deles.

Se disséssemos o contrário, poderíamos chegar ao ponto de dever agradecê-los pelo bem que seu mal nos causou, e isso seria impensável. A população americana se comportou com dignidade e compaixão simplesmente porque é boa e generosa e porque possui um senso de honra que o inimigo não tem.

Mas quem é o inimigo? O terrorista é um ser sem nome nem rosto, já que tudo nele é maquiagem e mentira. Isso é ainda mais verdadeiro com relação ao terrorista suicida: ao preparar-se para entregar-se à morte, ele se torna a morte. Ele está morto antes mesmo de morrer.

Atribuir a culpa à religião? É fácil demais. É verdade que, ao longo dos séculos, incontáveis vidas humanas foram amesquinhas, atormentadas e aniquiladas em nome dela. Mas isso só prova uma coisa: tudo depende do que fazemos com a fé em Deus. Atribuir a responsabilidade a ela é fazer dela nossa cúmplice. E isso é injusto.

Em outras palavras: não é porque os 19 terroristas eram muçulmanos que teríamos o direito de atribuir a culpa ao conjunto dos muçulmanos. O islã não tem culpa alguma pelos crimes cometidos pelos terroristas, que, a acreditarmos na maioria dos líderes islâmicos, traem sua fé, em lugar de glorificá-la.

O que conta para nós, membros da grande família humana que habita nosso planeta em constante perigo, é nos definirmos como solidários das vítimas dos inimigos dessa

família. E declarar que são os mortos assassinados pelos terroristas que são nossos irmãos e irmãs.

Sim, os mortos, e não seus assassinos.